

Resenhas



Bernardo Borges Buarque de Hollanda¹

Visão de jogo: antropologia das práticas esportivas, organizado por Luiz Henrique de Toledo e Carlos Eduardo Costa²

V*isão de jogo* enfeixa um conjunto de dez artigos e apresenta resultados de pesquisa produzidos nos últimos anos, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Sob orientação geral do professor Luiz Henrique de Toledo, o volume integra a nova coleção *Antropologia Hoje* e compreende textos com diferenciados níveis de formação e capacitação de jovens pesquisadores, entre relatórios de iniciação científica, dissertações de mestrado e trabalhos de pós-doutorado, produzidos entre 2005 e 2009. Neles, salta à vista um olhar antropológico aguçado, que procura fisgar a lógica de um dos mais notáveis epifenômenos das sociedades contemporâneas: os esportes modernos.

A unidade teórica e empírica com que se escrutinam os objetos resulta em uma obra coesa, capaz de ultrapassar o simples ajuntamento de trabalhos individuais, apenas agrupados pela semelhança de temas. O esforço coletivo aqui resultante permite a apreensão de um campo ou subcampo em sua “mobilidade

¹ Bernardo Borges Buarque de Hollanda é recém-doutor pelo Centro de Pesquisa e Documentação (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas (FGV-Rio de Janeiro). Em 2009, fez pós-doutorado na *Fondation Maison des Sciences de l'Homme* (MSH-Paris). É autor do livro: *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva* em José Lins do Rego. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2004.

² TOLEDO, L. H. de e COSTA, C. E. (orgs.). *Visão de jogo: antropologia das práticas esportivas*. São Paulo: Terceiro Nome, 2009. 280 p. ISBN 978-85-7816-043-2.

temática”, que se afirma menos como espaço de poder – a “Antropologia dos Esportes” – e mais como exercício analítico em torno das práticas – as “Práticas Esportivas”. Os exercícios se inspiram e se amparam na elaboração teórica realizada por Toledo em sua tese de doutorado: *Lógicas no futebol* (2003). Nela, o autor propõe uma tripartição dos atores em profissionais, especialistas e torcedores, e uma classificação da ação esportiva, segundo “regras”, “formas” e “representações”.

Para além da mera circunscrição de fronteiras acadêmicas, a observação participante e os estudos de caso – foram feitos trabalhos de campo nas cidades de Araraquara, São Caetano e São Carlos – contribuem para exercitar o distanciamento/estranhamento como um dos *parti pris* da antropologia, em particular a subárea aqui privilegiada, a Antropologia Urbana. A postura reflexiva dos autores leva a etnografia à dinâmica interativa do *ver* e do *jogar*. Própria dessa complexa manifestação especular e espetacular da contemporaneidade, tal dinâmica põe em evidência, numa escala local, as configurações fluidas, sincréticas e cambiantes das *performances*.

O livro está disposto segundo uma ordem de modalidades de esporte coletivo – o vôlei, o basquete e o futebol, em especial – e não obedece a uma disposição previamente hierarquizada entre elas. Não obstante, a prevalência mercantil e midiática do futebol profissional tem implicações na maneira pela qual os demais esportes se vêem a si mesmos, o que produz efeitos na teia de significados linguísticos, morais e culturais acionados por seus praticantes e assistentes. A disposição da obra varia também de acordo com a presença, ora incidental, ora sistemática, dos esportes nas várias esferas da sociedade brasileira – universidades, igrejas, entidades desportivas, clubes recreativos, escolinhas públicas e privadas – o que contribui para desviar as atenções geralmente carregadas pela onipresença do futebol como esporte de espetáculo de proporções planetárias.

A abertura de *Visão de jogo* é feita por um dos organizadores do livro, Carlos Eduardo Costa, e tematiza os torneios universitários. A análise das especificidades do esporte nas universidades brasileiras permite identificar de que maneira, na relação entre *festa* e *esporte*, se imiscuem valores de um sobre o outro. Os valores por assim dizer “festivos” dos torneios, tais como o consumo de bebidas alcoólicas e as relações sexuais, podem ser percebidos nestas disputas esportivas

interuniversitárias. Os praticantes dos concursos acabam por protagonizar a subversão da “lógica esportiva enunciada”, mediante a introdução de elementos lúdicos e amadores em uma atividade em princípio destinada à competição *tout court*.

Em igual proporção, ainda que em sentido inverso, a dimensão festiva não abole de todo o *ethos* competitivo entre estudantes de ensino superior no país. Este se manifesta sob a forma da *segmentaridade* e da *rivalidade* emuladora dos grupos representantes de turmas, carreiras e universidades distintas. Tal sistema de identificação e oposição de um público juvenil por excelência permite a identificação de “estilos de vida”, que se manifestam por meio dos sistemas de símbolos presentes nas cores, nos nomes e nos elementos visuais distintivos dos grupos.

Assim, a hibridizade dos torneios possibilita a coexistência de esportes (“práticas tradicionais”, como o rúgbi) com jogos alternativos (“práticas excêntricas”, como o *boliche humano*). A etnografia realizada por Carlos Eduardo revela o fim último a que se destinam os torneios, quer como “festividade”, quer como “competitividade”, sendo capazes de promover a sociabilidade juvenil. Nesta, o lúdico e o agonístico se fazem presentes, imbricados e interpenetrados.

O segundo artigo do livro é de autoria de Reinaldo Olécio Aguiar e versa sobre um assunto à primeira vista inusitado: a incidência do *ethos* esportivo no campo religioso brasileiro. Em virtude do crescimento das correntes religiosas neopentecostais, é analisada a utilização do esporte como forma específica de socialização entre novos adeptos de duas igrejas. Ao se debruçar sobre as características distintivas da “terceira onda” do pentecostalismo no Brasil, Reinaldo considera a “liberação dos costumes” como um dos fatores que permitiu um maior grau de tolerância perante manifestações consideradas mundanas, tais como shows de *rock gospel* e práticas esportivas. Se no primeiro capítulo o autor mostrava como o lúdico e o esportivo coexistiam em um mesmo evento, neste texto subsequente o antropólogo identifica a justaposição de elementos laicos e sagrados na sociabilidade esportiva. Tal prática agencia uma interpenetração de elementos esportivos com aqueles circunscritos ao domínio mágico-religioso.

As considerações teóricas sobre a caracterização geral da magia e da religião permitem que as práticas religiosas sejam entendidas em relação a um conjunto de símbolos atualizados

por meio dos rituais. No primeiro caso, a igreja evangélica em questão permite a introdução da música gospel com performances corporais mais liberadas. As peculiaridades do protestantismo contemporâneo no Brasil são mencionadas a fim de explicitar as estratégias de recrutamento e de conversão de jovens para a igreja. Para minimizar os descontentamentos de camadas da juventude, são revistos aspectos litúrgicos como cânticos, ritos e coreografia. As letras passam a adaptar a linguagem típica do entretenimento juvenil, em uma negociação que atende, em parte, às demandas da sociedade de consumo envolvente.

A “esportivização do sagrado” também ocorre na segunda igreja analisada por Reinaldo. A preservação da *forma* religiosa mostra como esta se ajusta a um conteúdo e a uma maneira de produzir mais “descontração corporal”, antes cerceada nos cultos. De forma ainda mais explícita e flexível que na primeira, nesta são adotadas práticas marciais — o jiu-jítsu —, assim como esportes radicais — o *skate* — e uma prática que fica a meio caminho entre a dança, a luta e o esporte: a capoeira. Estilos musicais à primeira vista inusitados para o espaço de um templo religioso também comparecem, como o *rock* e o *reggae*. Tudo isso contribui para sublinhar o trânsito entre a sociedade e os esportes no mundo contemporâneo, o que realça o caráter maleável e poroso das performances corporais, mesmo em instituições conhecidas no senso comum pela intolerância.

O terceiro artigo, de autoria de Juliana Affonso Gomes Coelho, põe em tela o debate sobre as questões de gênero no esporte, com base na experiência do voleibol no Brasil. A autora constata a existência de uma correlação mais equitativa entre o feminino e o masculino em tal modalidade. Frente ao futebol, em que a masculinidade se mostra hegemônica, o vôlei concede um maior espaço à participação feminina, o que possibilita pensar, por meio desse esporte, uma discussão maior em torno do lugar simbólico das mulheres na sociedade brasileira. Juliana percorre as origens norte-americanas do vôlei em fins do século XIX e conduz o leitor à compreensão das maneiras pelas quais os atributos femininos se tornaram mais permeáveis numa modalidade esportiva em que a rede impede contatos corporais interequipes.

A antropóloga recorre a uma variada gama de fontes — pesquisas de opinião pública, revistas de educação física e páginas de relacionamento na internet (Orkut) — para o levantamento

de dados e imagens associadas a essa atividade. Foucault, Bourdieu e Elias estão entre os pensadores mobilizados por Juliana para pensar a construção social da violência, da agressividade e da dominação masculina nas sociedades ocidentais. A eles se agrega o debate acerca do *ethos* nacional, fruto de uma “sociedade patriarcal, androcêntrica e heterocentrada”. O futebol é em última instância o pólo dominante que consagra ao feminino, presente no vôlei, tudo aquilo que ele rechaça e valoriza sob a hegemonia futebolística masculina.

Em sequência ao cotejo das questões de gênero no vôlei, Júlio César Jatobá Palmieri analisa a emigração de jogadores brasileiros de basquetebol, tendo aqui também o futebol como baliza comparativa e contrastiva. Enquanto o basquete tem como destino principal a liga de basquete dos Estados Unidos (NBA), o futebol privilegia a ida para a Europa, que concentra os clubes e os campeonatos de maior magnitude financeira internacional. Da mesma maneira que a autora do capítulo anterior, o texto de Júlio esteia-se nos aspectos técnico-táticos intrínsecos a cada modalidade e no quadro cultural geral em que os esportes se inscrevem.

A entrevista com técnicos e profissionais de basquete visa compreender a carreira desses atletas no exterior, sua trajetória dentro de um contexto de globalização onde circulam de modo cada vez mais intenso “pessoas, mercadorias e ideias”. À luz da antropologia maussiana, a problemática central do autor diz respeito à compreensão das “trocas culturais” geradas por essa experiência no exterior. A continuidade e a plasticidade dos estilos nacionais de jogo, incorporados nos próprios jogadores, são um dos índices de reflexão do autor. As trocas se iniciam com as expectativas em torno de tais estilos – Júlio reconhece três principais: o norte-americano, o europeu e o sul-americano – nos países que recebem os jogadores brasileiros, passam pelas dificuldades de adaptação (língua, distância da família e alimentação), e culminam no momento de regresso ao país de origem. Nesse trajeto, investiga-se até que ponto há, no retorno, a incorporação de componentes externos que mudam aquela configuração inicial.

O quinto artigo do livro volta a se debruçar sobre o voleibol. Se o primeiro discutia o binômio masculino-feminino, o texto de Leonardo Erivelto Soares de Oliveira tem por preocupação básica a discussão sobre a definição de um “estilo nacional” no vôlei

brasileiro, com base no *ethos* e nas jogadas inventadas pelos atletas, e também nos valores da sociedade envolvente e nos fundamentos próprios deste esporte. O método etnográfico adotado pelo autor compreende a presença na rotina de treinos de duas equipes do interior do estado de São Paulo.

Leonardo inventaria a história da modalidade e repertoria em minúcias a evolução de suas regras, mostrando como as suas mudanças nos últimos anos decorrem parcialmente das ingerências e dos imperativos comerciais das mídias que fazem as transmissões das partidas. O “jogar à brasileira” no vôlei é alvo por fim de uma reconstituição mais detida a partir da década de 1980 e se estende até o período atual. Neste, a etnografia do autor entra em cena e serve de base para o entendimento das categorias acionadas pelos jogadores na descrição das qualidades do desportista brasileiro. A decantada criatividade – lembre-se do saque “jornada nas estrelas” de Bernard – sobrevive e é capaz de contornar o processo mercadológico de racionalização e estandardização do esporte.

Tal como os passes e as tabelinhas feitas no campo de jogo, a temática dos autores do livro dialogam entre si num vai-e-vem ao longo dos capítulos. O sexto artigo, assinado por Lara Tejada Stahlberg, repõe a discussão sobre gênero, em especial no tocante ao espaço feminino no universo futebolístico. Se o alvo anteriormente focado era o vôlei, o caso em pauta se interessa pelo futebol e, em particular, pela angulação própria daquelas mulheres que assistem às partidas, as torcedoras. As percepções atribuídas à presença feminina no futebol conduzem à reprodução e à enunciação de preconceitos tradicionais em um meio de presumida onisciência masculina.

O avanço, ainda que tímido, da frequência das mulheres nos estádios de futebol nos últimos anos teve em contrapartida o reforço dos estereótipos que categorizam as mulheres a partir de um código de ação e de expressão masculino. O suposto desconhecimento técnico das regras e dos lances de jogo contribui para a estereotipia e a exclusão das torcedoras de um dos atos fundamentais da socialização nos esportes: a conversa. A capacidade de se comunicar e de compartilhar uma linguagem comum leva à interação e à integração social. As categorias com que os torcedores definem as mulheres se relacionam à falta de seriedade no acompanhamento do futebol – “as torcedoras de modinha” – ao interesse tácito e secundário por este esporte –

as “maria-chuteiras” — e à dubiedade de papel ou preferência sexual — a mulher que se aproxima da imagem do homem, masculinizando-se ao aderir ao esporte.

Lara, informada pelo *background* da teoria bourdeusiana relativa à dominação masculina, levanta dados para sua pesquisa em um movimento duplo: o universo real dos estádios e o universo virtual dos encontros pela Internet. Neste último, observa a construção da “identidade de gênero” mediante o acompanhamento de discussões, comentários e de tópicos “bate-papo” sobre futebol dentro do chamado ciberespaço e do CMC — Comunicações Mediadas por Computador. Naquele primeiro, elegeram-se o espaço de realização dos jogos — as praças de esporte —, arenas nas quais se tem observado nos últimos anos, face aos imperativos da sua reconfiguração sócio-espacial, a maior incidência da presença feminina, dentro do propalado “retorno das famílias” aos estádios.

O sétimo artigo, de Sandro Francischini, foge excepcionalmente à seara antropológica e adentra na nebulosa história política do futebol brasileiro. Campo tradicionalmente crivado de polêmicas, seu foco incide na Era Havelange e em sua atuação à frente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), no primeiro lustro da década de 1970, em plena ditadura militar, quando se procurou implantar um parque de praças desportivas em todo o país. A estrutura organizativa *personalizada* da CBD é o centro em torno do qual gravita o artigo, com a descrição dos jogos de poder que estão por trás da organização de um campeonato em escala nacional, no momento consecutivo à eufórica conquista do tricampeonato mundial, no México, pela Seleção Brasileira.

Por intermédio da personagem central, Jean-Marie Faustin Godefroid de Havelange, ou apenas João Havelange, o autor investiga os meandros da política desportiva — a lógica dos favorecimentos, as barganhas e as negociações arbitrárias —, tornando inteligíveis os mecanismos de atuação do poder político, quais sejam, as partes representadas pelas regiões e pelo todo que representa a nação, bem como as diversas instâncias municipais, estaduais e federais envolvidas. A análise se estende aos reflexos do poder no âmbito da geopolítica das decisões — os clubes profissionais, as federações de estado e as confederações —, assim como às entidades esportivas estatais, à época centradas

no Conselho Nacional de Desportos (CND) e no Ministério da Educação.

O texto seguinte, assinado por Thiago Passos de Oliveira, volta ao tópico “torcedor” e aborda o universo de representações simbólicas como palco de disputas e conflitos em um modesto, porém tradicional clube de futebol do Rio de Janeiro: o América Football Club. Thiago analisa os significados antropológicos daquela que poderia ser vista como uma prosaica querela entre sócios de um clube, em torno de seu mascote ou símbolo preferido: o diabo ou a águia. Para extrair as significações mais profundas da polêmica, o autor recorre a uma literatura científica clássica que vai de Radcliffe-Brown a Lévi-Strauss, passando por Edmund Leach. O debate da Antropologia Social acerca do totemismo propõe a questão estrutural de alternância de oposições e complementaridades, de continuidades e rupturas ao redor do par natureza-cultura.

A aplicabilidade dos sistemas classificatórios totêmicos nos universos urbano-industrial ou moderno-contemporâneo das sociedades ocidentais é um dos pontos de partida do autor. Thiago discute, em especial, a validade da aplicação da simbologia animal ao esporte. Para tal, acompanha e perscruta os atributos identificados pelos sócios e torcedores a cada um dos mascotes em disputa, em uma legitimação que passa também por uma justificativa coerente com a história e com os valores mais tradicionais associados ao clube. Uma análise dos discursos esquadrinha os argumentos levantados pelos atores na imprensa durante o período que se inicia em 2006 e se prolonga até o Campeonato Carioca de 2008. Sorte ou azar, maldade ou bondade, superioridade ou inferioridade são categorias que credenciam a substituição ou não de um símbolo por outro, seccionando e animando uma dinâmica de oposições, também verificadas entre os totens clânicos de sociedades ditas simples ou binárias.

Claudemir José dos Santos assina o penúltimo texto do livro, com uma pesquisa que repensa a famosa questão do “estilo à brasileira”, tendo como foco de análise o processo de preparação de meninos e jovens em escolinhas de futebol. Nesse nível elementar de formação e aprendizagem, o caráter propedêutico do discurso esportivo se confronta com um imaginário nacional arraigado de naturalizações. A suposta essência brasileira na arte de jogar futebol valoriza a espontaneidade e a ideia de uma habilidade técnica inata, em detrimento do método e do

treinamento. Esta se compraz no enaltecimento da dimensão artística do jogo e menoscaba a sua contraparte científica, em um argumento que remete, num fundo remoto, a Gilberto Freyre e ao vocabulário do seu “futebol-mestiço”.

Com base em uma feliz intuição, o autor estipula as relações entre a necessidade de aprendizagem técnico-tática do futebol – em verdade, um conjunto de saberes, técnicas, regras e princípios éticos – com a representação estereotipada segundo a qual o brasileiro prescindiria de treino e exercício. Claudemir escolhe as escolinhas de futebol como campo para a observação desse fenômeno que se desenvolveu historicamente no Brasil a partir dos anos 1970. Espaço de “moldagem do corpo”, contraposto dicotomicamente à zona livre das ruas, as escolinhas mostram as suas ambivalências constitutivas no dia a dia dos treinamentos.

Por um lado, as tensões revelam um discurso afinado às exigências da Educação Física e ao adestramento corporal dos meninos, que tenciona progressivamente fornecer atletas requeridos pela estrutura do futebol de alto rendimento profissional. Por outro lado, a fala dos agentes sociais deixa transparecer valores presentes na sociedade brasileira, como a perspectiva da ascensão social entre as classes populares, o que requer do indivíduo o sacrifício e o trabalho conspícuo com vistas ao atendimento de ideais familiares e religiosos.

Esses mesmos aspirantes reproduzem, pois, as ideias de *dom* e genialidade, presentes nas imagens do “estilo nacional”, modelo encarnado por heróis e anti-heróis. A propósito, a heroicizada malandragem brasileira abrigaria uma ampla galeria de personagens futebolísticos, já analisados por Leite Lopes (Garrincha), por Guedes (Romário) e, como caso extremo e antípoda, o Zico estudado por Helal.

O fecho do livro é feito pelo organizador e inspirador dos trabalhos precedentes: Luiz Henrique de Toledo. A proposta ensaística do autor possibilita uma compreensão do horizonte antropológico de onde partem seus orientandos, assim como exercita de maneira criativa e instigante uma comparação entre dois antropólogos latino-americanos que serviram de inspiração a ele próprio. Trata-se do brasileiro Roberto DaMatta e do argentino Eduardo Archetti. Pontuando contrastes livremente, mais do que os sistematizando, o ensaio alinhava a maneira pela qual cada um dos autores refletiu em seus países de origem sobre

a já antiga questão da identidade nacional, quando confrontada ao influxo dos esportes modernos britânicos *fin-de-siècle*, mormente o futebol.

Se a posição de ambos os antropólogos no campo os aproxima — tratar-se-ia de pensar as similitudes de dois autores preocupados com a resignificação, dir-se-ia, “antropofágica” do fenômeno esportivo europeu no interior de culturas nacionais latino-americanas —, Toledo fertiliza a reflexão comparativa ao sublinhar as diferenças entre DaMatta e Archetti.

Do ponto de vista da história e da teoria, a visão de cada um se diferencia, uma vez que partem também de momentos históricos distintos: DaMatta esposa o estruturalismo dualista (nós-eles/universal-singular/igualdade-hierarquia/arcaico-moderno/ritual-cotidiano) ou triangular (inversão-neutralização-reforço) no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, num contexto nacional de redemocratização política; Archetti adota uma postura etnográfica pós-estrutural, ao incluir a subjetividade e a fragmentação em sua “etnografia autobiográfica” dos anos 1980 e 1990, que investiga a incidência da masculinidade na popularização do pólo, do futebol e do automobilismo argentinos.

É o próprio Toledo quem melhor define a distinção entre o hibridismo damattiano e o archettiano: “Em DaMatta temos a comparação entre culturas (o individualismo americano *versus* o individualismo à brasileira, o racismo americano *versus* o racismo à brasileira e assim por diante). Já em Archetti percebe-se um projeto comparativo para dentro, intracultural, uma vez que as determinações da identidade são múltiplas (na origem étnica, na forma da miscigenação e da hibridação) e devedoras de processos particularizados, de hibridações específicas, de contextos singulares”.

À guisa de conclusão, só nos restaria sugerir a Toledo que some a seu ensaio comparativo entre DaMatta e Archetti as contribuições do antropólogo francês Christian Bromberger à Antropologia do Esporte, em particular sua análise do papel do futebol no Irã, bem como sua influência na formação da moderna identidade iraniana. Aos demais colaboradores do livro, fica a sugestão para que ampliem o leque de modalidades, quer em suas vertentes individual ou coletiva, incorporando o boxe, o tênis, a natação, o atletismo e a Fórmula 1 às atividades esportivas aqui analisadas.